

# “NUNCA EM ANEXO!” PESQUISA, ENSINO E ESCRITA COM IMAGENS EM ANTROPOLOGIA AUDIOVISUAL

ANA LUIZA CARVALHO DA ROCHA / CORNELIA ECKERT

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil e FEEVALE, Novo Hamburgo, RS, Brasil, miriabilis@gmail.com  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, chicaeckert@gmail.com

## INTRODUÇÃO OU MOTIVAÇÃO ◀

Este artigo tem por mote o incentivo da pesquisa etnográfica com imagens para acadêmicos em Antropologia Audiovisual, em especial aos estudantes uruguaios. A proposta é que, ao relatarmos nossa trajetória de ensino e pesquisa, possamos compartilhar um processo de conhecimento que nos é caro, ao visualizar um campo interpretativo de formação e produção.

Quando escrevemos nossas dissertações de mestrado em Antropologia Social, em meados dos anos 1980, emergia o debate sobre o uso da imagem na pesquisa e seu valor na construção do estudo etnográfico. Mas, nessa época, as normas técnicas de elaboração de monografias ainda sugeriam que o anexo era um lugar adequado para apresentar as imagens da pesquisa, assim como os documentos analisados, a transcrição de entrevistas e mesmo os relatos etnográficos. Embora hoje não pareça fazer muito sentido para a investigação e a escrita antropológica a inserção de dados de pesquisa, seja em imagens, seja em outras formas de figuras em apêndices ou anexos, isso ainda é factível de acontecer.

Recentemente lemos uma tese de uma área correlata à Antropologia, em que grande parte das imagens e dados etnográficos estavam dispostos em anexo. Como professoras de Pesquisa Etnográfica e de Antropologia da Imagem ou Audiovisual, reagimos a esta estrutura de tese e sugerimos, antes mesmo da defesa, que as imagens e dados etnográficos fossem incorporados no texto descritivo e interpretativo. Nas aulas de Antropologia da Imagem que lecionamos, após um semestre de aulas ensinando a pesquisa com imagens, pode aparecer ainda algum/alguma estudante que pergunte como inserir as imagens produzidas a partir da pesquisa no texto da dissertação ou tese. Nossa primeira resposta, em tom de anedota, é “nunca em anexo!”. Incentivamos a inserção das imagens no corpo dos capítulos, de forma que a imagem na Antropologia deixe de ser reduzida a ilustrações de uma realidade e se emancipe em relação a uma determinação literária, a dita supremacia da escrita na “etno-grafia”.

Vamos retomar este caminho de conceituação das imagens e enfatizar o potencial de imaginação que as representações visuais, sonoras, audiovisuais, gráficas e de linguagem ocupam cada vez mais na construção do trabalho antropológico. Versaremos sobre este caminho que aproxima a percepção e a imaginação, ao permitir que antropólogos ou antropólogas, na condição de narradores, atinjam a compreensão de sentidos múltiplos e complexos dos dados registrados em campo, a partir da capacidade fabuladora a que eles aludem.

## TÍNHAMOS A TEORIA, REINVENTAMOS A PRÁTICA

Voltando ao nosso “tempo de dissertação”, observamos que no estudo de Cornelia Eckert, *Os homens da mina*, sobre o trabalho dos mineiros de carvão e as condições de vida de seus familiares em Charqueadas e Arroio dos Ratos, no Rio Grande do Sul Brasil, defendida em 1985, o capítulo sobre sistema de crenças e rituais e o relativo às festividades apresentam as fotografias que ilustram e testemunham as práticas da vida cotidiana. A dissertação, aliás, abre

com a fotografia de um monumento em homenagem ao trabalho mineiro na cidade de Arroio dos Ratos, onde esta atividade foi extinta nos anos 60. Mas ainda constavam em anexo, fotografias da cidade, da saída do trabalho e de jornais sobre acidente com mortes no poço de extração. A dissertação de Ana Luiza Carvalho da Rocha, intitulada *A dialética do estranhamento, a reconstrução da identidade social de mulheres separadas em Porto Alegre* e defendida em 1985, tem uma capa com a montagem de fotos antigas de mulheres com filhos ou filhas. Além disso, a dissertação, em seu capítulo sobre a presença da categoria “honra” na formação da família patriarcal do Rio Grande do Sul contém fotografias de acervos, presentes em publicações antigas dedicadas ao tema da formação da sociedade rio-grandense, e onde se pode observar a divisão dos papéis sexuais e de gênero na configuração da memória coletiva gaúcha.

Teoricamente estavam em voga, no campo da Antropologia Social, os estudos acerca das teorias das representações sociais, da identidade e da memória pelo viés dos paradigmas da Antropologia Simbólica,<sup>1</sup> da teoria das formas organizacionais, de Raymond Firth (1964), e da teoria do Estruturalismo, com forte influência do Estruturalismo de Claude Lévi-Strauss (1958, 1973). O Estruturalismo francês, de modo especial, fornecia-nos as chaves interpretativas dos mitos, dos ritos, das imagens, desde a arte ameríndia até a clássica e contemporânea. Década, igualmente, de consolidação de teorias reflexivas e de História Política, seja com o conceito de poder e reprodução da dominação, de Pierre Bourdieu (1992), da teoria das “metáforas históricas”, de Marshall Sahlins (1979, 1994), seja na interiorização da dominação nas subjetividades, de Michel Foucault (1992).

Igualmente importante colocava-se a teoria interpretativista de Clifford Geertz (1978), e as teorias pós-modernas que dela derivaram, tanto quanto o estudo do paradigma estético e da razão sensível, sustentado por Michel Maffesoli (1995, 1996, 1998), na linhagem dos estudos das estruturas antropológicas do imaginário, de Gilbert Durand (1984). O primeiro retomando a hermenêutica alemã e a teoria da compreensão, de Max Weber, e os outros dois recuperando as teorias da imaginação de Henry Bergson, de Gaston Bachelard, de Merleau Ponty e de Sartre, e as reflexões acerca das formas do social em Georg Simmel (entre outros) para o estudo do fenômeno da estetização que percorre a existência da vida social, marcando-a com estilos e características que lhe são próprias, conforme as estruturas espaço-temporais que as modulam.

Nossas investigações sobre temas ligados aos estudos em sociedades complexas, urbanas e industriais continham, assim, a forte influência de procedimentos e técnicas de pesquisa de campo em que os usos da imagem ocupavam um lugar importante em nossos estudos na área da Antropologia Social, mas ainda não tínhamos a tradição da análise sistemática dos usos dos recursos audiovisuais, na história dessa área de conhecimento. O tema da fotografia, da arte e da televisão estavam fortemente presentes em seminários sobre cultura, poder, ideologia e hegemonia, com forte presença bibliográfica dos intelectuais da escola da Frankfurt, teorias da Comunicação e da Sociologia da Cultura. Com estas referências, podemos argumentar sobre algum pioneirismo na pesquisa com produção de imagens.

Em nossa pequena turma de sala de aula, uma colega, Ondina Fachel Leal (1993), escreveu sua tese sobre a recepção da “novela das oito”, telenovela da Rede Globo de Televisão, exibida no que é considerado o horário nobre pela alta audiência. Ondina havia feito um curso de fotografia e tirou fotos ao longo

.....  
<sup>1</sup> Ver Durkheim e Mauss (1903);  
Halbwachs (1967).

da experiência de pesquisa de campo. A antropóloga registrou as diferentes formas de recepção da novela *Sol de verão* e o lugar da televisão no espaço da casa de famílias de camadas médias e populares em Porto Alegre, fotografando esses espaços e situações de consumo do programa televisivo. Inovando, Ondina fez um capítulo somente com imagens em preto e branco, contrastando os cenários, as práticas de recepção e o valor dado ao objeto televisão no contexto da morada e da sociabilidade familiar. Não somente foi a primeira dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como foi considerada pioneira na publicação de um capítulo com imagens nos programas de Antropologia Brasileira.

Por isso não surpreende que, já nos anos 90, Ondina tenha orientado a primeira tese de “fotoetnografia”, terminologia cunhada por seu autor, Luiz Eduardo Achutti, que escreveu sua dissertação de mestrado sobre o trabalho da reciclagem do lixo e sobre estes trabalhadores em Porto Alegre (Achutti, 1997), uma etnografia relatada com imagens de fotografia, defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nessa década, uma de nós já estava participando do ensino de Antropologia neste Programa de Pós-Graduação. Este foi o caso de Cornelia Eckert, após ter defendido sua tese de doutorado desenvolvida na Université Paris V, na Sorbonne, Paris, França, sobre a crise do trabalho mineiro do carvão e o processo de desindustrialização de uma vila que nasce da vocação dessa extração na França (La Grand-Combe). A tese tem um tomo (Tomo III) totalmente dedicado à apresentação de figuras ou imagens. A partir de busca em acervos fotocopiados e fotografias produzidas na pesquisa etnográfica, além da reprodução de mapas, o sumário desse tomo repete a estrutura da tese escrita nos tomos I e II (Eckert, 1992).

No caso da outra autora, o retorno do doutorado, realizado igualmente na Universidade Paris V, Sorbonne, sobre a instalação da civilização urbana no sul do Brasil a partir da ótica de uma “estética da desordem” (Rocha, 1994), representou a retomada do seu envolvimento, na condição de antropóloga, com repositório de fotografias do antigo Núcleo de Documentação e Memória Social da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, agora transformado em Museu Universitário. O envolvimento da autora com o acervo de tais imagens, herdado das pesquisas do antigo núcleo sob a coordenação, na época, da historiadora Sandra Pesavento, resultou na organização de dois bancos de conhecimentos, ou seja, da memória-UFRGS e da memória-Porto Alegre, em conjunto com a colega Sonia Lucietto Piccini.

## UM NÚCLEO DE PESQUISA, CONVERGÊNCIA DE INTERESSES E ESFORÇOS

**E**m especial, uma das pesquisadoras, Cornelia Eckert, ao retornar ao Brasil, assumiu a coordenação do Núcleo de Antropologia Visual (Navisual), junto ao Laboratório de Antropologia Social do Programa Pós-Graduação em Antropologia Social, que tinha por objetivo estimular a pesquisa em Antropologia Visual bem como dar subsídios teóricos e metodológicos para estudantes e professores interessados na área de produção intelectual que acabara de ser criada como linha de pesquisa.

Coloca-se, assim, uma pergunta central que ainda persegue nossos espíritos, ou seja: como formar pesquisadores com competência nessa área conhecimento, a da Antropologia Audiovisual? Estamos em 1992 e organizamos uma equipe de pesquisadores com estudantes de graduação e mestrado, em especial o bolsista de aperfeiçoamento e, depois, mestrando do referido Programa, Nuno Godolphim, que participou, na época, da elaboração de um programa de formação, com pesquisa em fotografia e vídeo.

O projeto constava de uma proposta de familiarização dos alunos de pós-graduação em Antropologia Social e de graduação em Ciências Sociais com a produção clássica de filmes etnográficos tanto quanto a produção fotográfica, o que, de muitas formas, dirigia-se à história das técnicas da fotografia e do cinema na pesquisa etnográfica na história da própria produção intelectual antropológica. As principais referências foram, nesse contexto, as seguintes obras: *Visual Anthropology* (1975, 1979), de Margaret Mead; *Balinese Character* (1942), de autoria de Gregory Bateson e Margareth Mead; *A pequena história da fotografia*, de Walter Benjamin (1996); de John Collier Jr., *Visual Anthropology* (1967), que propunha uma

metodologia de pesquisa com fotografia; de Jay Ruby (1974), sobre o ensino da Antropologia Visual; de Roland Barthes, *a Câmara Clara* (1980); de Susan Sontag, *Ensaio sobre fotografia* (1981) e, claro, revisitando sempre as imagens dos *Astronautas do Pacífico Ocidental*, Bronislaw Malinowski (1978).

Da Antropologia brasileira, a referência era o livro de Miriam Moreira Leite (1995) sobre retratos de família, além da monografia de Sílvia Porto Alegre e sua análise de gravuras da época do descobrimento, entre outros (1992) e, a produção de Pierre Verger (2002). Foi um momento em que as formas de acesso às obras e aos autores dependia de fotocópias dessas fontes, numa circulação de obras e artigos que tinham como alicerces multiplicadoras as trocas presenciais de pesquisadores nos congressos, nos encontros e nos simpósios, no âmbito da Antropologia no país e no estrangeiro. Entre eles, destacamos um dos mais importantes que foi o encontro Jornadas de Antropologia Visual, a primeira, em 1992, organizada por Nuno Godolphim com apoio do PPGAS/UFRGS, e que trouxe como conferencista Fernando Cury de Tacca, que havia defendido sua dissertação em Multimídia, orientado por Etienne Samain, na Universidade de Campinas, São Paulo, em 1994. O fotógrafo, orientado por um antropólogo, deu câmeras fotográficas para treze operários e operárias da indústria do calçado registrarem a vida cotidiana em suas casas, as rotinas e as cenas familiares. Com isso, produziu uma pesquisa inovadora para as técnicas e procedimentos antropológicos de investigação no Brasil: uma forma de obter a imagem a partir do ponto de vista dos pesquisados a ser analisada à luz de teorias da Comunicação, Antropologia, Sociologia e da Arte.

À raiz desses primeiros aprendizados, o Navisual passou a dedicar-se à pesquisa etnográfica com a produção de imagens, destacando-se a Etnografia com fotografias e que resultou em exposições, organizadas sob a curadoria da equipe do núcleo, como o caso da *Procissão da Nossa Senhora dos Navegantes* e a do *Mercado Público de Porto Alegre*, esta última apresentada no próprio mercado. Na produção fílmica, o Navisual apoiou a realização do documentário *Ciranda cirandinha, história de circulação de crianças* (1993), de Nuno Godolphim, sobre a pesquisa de Claudia Fonseca; *Terra Kaingang* (1992) e *Iraí, Terra Kaingang* (1993), de Rogério Rosa, então mestrando no PPGAS UFRGS; *Os habitantes da rua*, de Cláudia Turra Magni & Nuno Godolphim (1996) e, *A saudade em festa* (1997), de Cornelia Eckert, Alfredo Barros e equipe Navisual.<sup>2</sup>

No percurso recém iniciado, os pesquisadores e bolsistas do Navisual, empenhados no projeto de consolidação do núcleo de pesquisa em Antropologia Social, convidaram o antropólogo e fotógrafo brasileiro Milton Guran para ministrar um curso cujo tema era as relações entre fotografia e Antropologia, evento que entusiasmou muitos jovens do curso de graduação e mestrado de origens diversas, que se juntaram a esse núcleo. Na ocasião, gravamos uma entrevista com o mestre, que publicamos em 1995.<sup>3</sup>

A organização da II Jornada de Antropologia Visual em Porto Alegre, em 1994, coordenada por Nuno Godolphim e Cornelia Eckert, consolidou esse processo, transformado agora um evento internacional de grande porte com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da Fundação de Amparo à Pesquisa no Rio Grande do Sul (FAPERGS) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Para a ocasião, a curadora da I e II Mostra Internacional do Filme Etnográfico realizada no Rio de Janeiro em (1993, 1994), Patrícia Monte-Mór, emprestou-nos Filmes clássicos como *Nanook*

.....  
2 Sobre os vídeos produzidos na época, sugerimos o texto de Rogério R. G. da Rosa, intitulado "Experiências com vídeo no Núcleo de Antropologia Visual da UFRGS", in: Espaço Aberto. Revista Horizontes Antropológicos, Antropologia Visual, 1995. Porto Alegre, UFRGS, p. 175 a 177.  
3 Entrevista com Milton Guran, in: Espaço Aberto. Revista Horizontes Antropológicos, Antropologia Visual, 1995. Porto Alegre, UFRGS, p. 159-166.

of the North, lançado em 1922, nos Estados Unidos, do antropólogo Robert Flaherty, que, com sua câmera rudimentar, filmou a vida e os costumes dos esquimós de Port Huron, perto da Baía de Hudson, no Canadá. Na mesma ocasião, fomos brindados pelo empréstimo do documentário de Jean Rouch, *Les Maîtres Fous*, de 1954 (36’), entre outros filmes internacionais.<sup>4</sup> Filmado em Gana, na África Ocidental, versa sobre um ritual que revela o sistema de crenças de trabalhadores possuídos pelo espírito Haukas (os mestres loucos), em que o autor realiza uma crítica ao sistema colonial. Conhecemos, então, o projeto Vídeo nas Aldeias e assistimos entusiasmadas *A festa da Moça*, sobre a cerimônia de furação de nariz e lábios, um ritual que os Nambiquara (norte de Mato Grosso) não realizavam depois de vinte anos, e o documentário sobre os Waiãpi, um filme de Vincent Carelli, Virginia Valadão e Dominique Gallois, intitulado *O Espírito da TV* (18’), em que um grupo xavante do, então, na época, estado do Mato Grosso, assistem pela primeira vez a sua própria imagem e de outros grupos em um aparelho de televisão. Ainda do projeto Vídeo nas Aldeias, os documentários *A Arca dos Zo’é*, de 1993 (22’), em que os Waiãpi visitam os Zo’é, um intercâmbio cultural, e *Eu já fui o seu irmão*, de 1993 (32’), no qual se acompanha um intercâmbio cultural entre os Parakatêjê, do Pará, e os Krahô, todos “irmãos”, unidos pelo rio Tocantins.<sup>5</sup>

A importância deste evento para o Navisual pode ser ainda compreendida pelo fato de que, além da mostra de documentários e exposição fotográfica, foi oferecido um curso de extensão de Antropologia Visual e um Simpósio Internacional. O curso foi dado por dois gigantes da Antropologia Visual. Primeiramente citamos o curso oferecido pelo antropólogo francês e orientando de Jean Rouch, Prof. Marc-Henri Piault, que deu a oficina “Crítica de Filmes Etnográficos”. Foi um verdadeiro mergulho na história do filme etnográfico, ocasião em que tivemos acesso a inúmeros documentários famosos que ainda não havíamos visto, como *Chronique d’un été*, de Jean Rouch e Edgar Morin, de 1961, entre outros famosos filmes de Jean Rouch (*Moi, um noir* 1958; *Jaguar*, 1967). De Dziga Vertov, de 1924, *Cine Olho*; *A propôs de Nice*, de Jean Vigo e Boris Kaufman, de 1930, além de acesso a rica bibliografia como *Claudine de France* (1979, 1989). Tempos depois, Marc Piault publica em francês uma obra referencial e, mais recentemente, traduzida para o português, *Antropologia e Cinema* (2018), na qual pudemos encontrar seus profundos ensinamentos acerca das relações que unem as práticas da pesquisa etnográfica com aquelas oriundas do cinema.

No âmbito dos estudos das relações entre a fotografia e a Antropologia, a história de suas técnicas e suas transposições para o método etnográfico, tivemos as aulas magistrais de Etienne Samain (1995). Etienne analisou a obra fotográfica de Bronislaw Malinowski em artigo que publicaríamos, posteriormente, em conjunto com outros escritos, na Revista Horizontes Antropológicos (Eckert, Godolphim, 1995).

Nesta publicação, encontra-se o artigo *Antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a floração de símbolos*, que inaugura um processo de colaboração entre ambas as autoras, uma vez que, a partir desse momento, iniciamos a retomada de parcerias anteriores de estudos (Grupo de Estudos em Antropologia Simbólica de 1983-1985) que tivemos ao longo da nossa formação. Este reencontro após nossos doutorados implicou investir na geração de um banco de conhecimento multimídia sobre memória coletiva e patrimônio etnológico da/na cidade de Porto Alegre (Banco de Imagem e Efeitos Visuais, na criação de um museu virtual da cidade), como parte de um projeto integrado de nossas pesquisas, com financiamento da FAPERGS

.....  
4 No que se refere às produções do Brasil, a Interior Produções emprestou-nos filmes do Vídeo nas Aldeias e, muito impactados, conhecemos este trabalho, criado em 1986 junto aos índios brasileiros com o objetivo de fortalecer as suas identidades e patrimônios culturais. O projeto, que nasceu no Centro de Trabalho Indigenista (CTI) e permanece sob a liderança de Vincent Carelli, atualmente com sede em Olinda (PE), tem estilo próximo a “escola Jean Rouch”, o “cine-transe”.

5 Hoje os filmes do projeto Vídeo nas Aldeias são facilmente acessíveis, e o histórico do projeto pode ser encontrado na publicação *Vídeo nas Aldeias, 25 anos, 1986-2011, organizado por Ana Carvalho Ziller Araújo* (2011).

e do CNPq, junto ao Instituto Latino-americano de estudos Avançados da UFRGS. Tal parceria originou a criação de um outro projeto, a do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, o Biev. Nesta mesma ocasião, o documentário *Arqueologias urbanas: memórias do mundo* (<https://vimeo.com/214289748>), tendo como foco a pesquisa de doutorado de Ana Luiza Carvalho da Rocha, com sua direção e roteiro em parceria com Maria Henriqueta Satt, é contemplado com o Prêmio Pierre Verger de melhor documentário etnográfico, promovido pela Associação Brasileira de Antropologia em 1998.

Nossa formação oficial no campo da Antropologia Audiovisual iniciava-se, assim, de forma vigorosa e irreversível, ainda que nossas preocupações continuassem no plano dos estudos na área da Antropologia das sociedades complexas, uma aprendizagem que passamos a considerar fundamental para o ensino da Antropologia na graduação ou no pós-graduação, onde sempre apresentamos, em uma aula inaugural, as linhagens que fundam o campo da pesquisa com imagens para a formação do campo da pesquisa antropológica.

Na sequência de um longo percurso trilhado, retomamos ao *Simposium Internacional*, organizado pelo Navisual (outubro, 1994) tendo por conferencistas, além dos professores já citados, Marcius Freire (Universidade de Campinas/Unicamp), Dominique Gallois (Universidade de São Paulo/USP), Mariel Cisneros (Universidad de la República del Uruguay), Susana Sel (Universidad de Buenos Aires), Bela Feldman-Bianco (Unicamp) e Clarice Peixoto (Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ). No ano seguinte, todas estas trocas intelectuais foram reunidas e publicadas na recém-criada Revista Horizontes Antropológicos, no número 2, Antropologia Visual, de 1995, incluindo artigos de antropólogas brasileiras, professoras ou estudantes no PPGAS UFRGS, como Carmen Silvia Rial, Jacqueline B. Pólvora, Cláudia Turra Magni, Nuno Godolphim, Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cláudia Fonseca. Nesta revista escrevemos sobre o impacto da II Jornada de Antropologia Visual (Eckert et al. 1995, p. 172) na consolidação desse campo de conhecimento não somente junto aos estudantes, mas também junto aos professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFRGS, ainda não familiarizados com o potencial da imagem na pesquisa etnográfica e antropológica.

Ainda no que tange ao desenvolvimento da área da Antropologia visual no Brasil e à formação de uma rede de pesquisadores, a partir de 1995, tivemos acesso aos *Cadernos de Antropologia e Imagem* da UERJ, sob a direção de Clarice Peixoto e Patrícia Monte-Mór, que traziam artigos de importantes cineastas e fotógrafos antropólogos, traduzidos em português, como o de P. Jordan, *Primeiros contatos, primeiros olhares* e Mac Dougall *O que é mesmo antropologia visual?* Muitos dos escritos resultavam da participação de cineastas na Mostra Internacional do Filme Etnográfico que se realizava todos os anos no Rio de Janeiro, organizado pela Interior Produções, com a curadoria de Patrícia Monte-Mór, como *Cinema e Antropologia* (Monte-Mór, Parente, 1994). Muitos destes antropólogos da imagem, publicaram depois importantes obras como David McDougall (1998, 2006).

Com este festival, em que participamos várias vezes para conhecer de perto grandes referências da Antropologia Visual, houve importante acesso às referências internacionais. Foram publicados 25 números que são acessíveis em pdf em <http://ppcis.com.br/cadernos-de-antropologia-e-imagem/>. Outra produção brasileira fundamental foi o *Caderno de Textos Antropologia Visual*, organizado por Claudia Menezes e Milton Guran, com apoio do Museu do Índio (1987). Esta obra trouxe as primeiras publicações de importantes referências nacionais e latino-americanas, muitas aqui já citadas, mas também Jorge Prelorán, cineasta argentino, e Marta Rodriguez, sobre cinema colombiano, entre outras.

Por outro lado, organizavam-se os trabalhos de pesquisa no interior do Biev, recém-criado. O projeto nascia com a intenção explícita de divulgar e democratizar os dados etnográficos produzidos no âmbito da Antropologia Urbana que praticamos. Em 1997 o projeto foi aprovado com financiamento FAPERGS e CNPq, de modo a mobilizarmos uma equipe de pesquisadores para desenvolver etnografia seja na produção de pesquisa de campo na cidade de Porto Alegre (RS, Brasil) seja na pesquisa de acervos, imagens já catalogadas em museus, centros de pesquisa, etc. A criação de coleções de imagens etnográficas multimídia a serem disponibilizadas na Internet colocava-nos em face ao desafio de desenvolver a pesquisa em diferentes suportes (fotografia, vídeo, som, escrita), assim como adentrar em novas áreas de conhecimento, como o caso da gestão eletrônicas de documentos e dos usos das

tecnologias da informática para a produção do conhecimento antropológico. Eram os idos do ano de 1998, em que essa área de conhecimento, no Brasil, engatinhava em seus primeiros passos.

Retomamos, neste momento de nossas trajetórias no campo da Antropologia Audiovisual, os estudos sobre o tempo, o instante, a duração e a imaginação na epistemologia bachelardiana (Bachelard, 1963, 1968, 2010) que havia norteado nossas pesquisas de doutorado, na França, e sobre a memória social e coletiva, repensando a sua matriz antropológica (Cardoso de Oliveira, 1988). Nesse período, buscávamos situar não apenas o lugar das imagens em nossos estudos no processo de construção do conhecimento em Antropologia, mas o papel central que ocupava o imaginário nos jogos de memórias dos habitantes dos grandes centros urbanos para o enquadramento das transformações de suas paisagens (Rocha e Eckert, 2015). No centro de nossas preocupações estava o desejo de pensar um processo de modelização de tais jogos nos termos de uma etnografia da duração (Eckert e Rocha, 2013) tendo como topos a pesquisa antropológica no ambiente da escrita eletrônica do hipertexto e a sua grande rede de dados interativos, o que constitui uma alteração na forma como havíamos abordado, até o momento, os estudos antropológicos sobre memória e patrimônio em sociedades complexas. Contudo, é importante frisar que, mesmo que haja uma “engenharia de texto” pré-existente (Ertzscheid, 2004), em um hipertexto, sabemos que o/a leitor/a desfruta de uma autoridade compartilhada com o/a autor/a-programador-design que os produziu, de acordo com sua competência em ordenar, classificar e unificar um leque de informação, incluindo aí, o risco de destruí-la.

As mídias digitais e as redes eletrônicas e suas potencialidades de organização multilinear de dados etnográficos sobre as feições do tempo na Cidade moderna passam a ser incorporados não apenas na pesquisa, dentro das atividades do Navisual e do BIEV e, em particular nesse último, através do Grupo de Trabalho WEB, criado à medida que as pesquisas no núcleo se dirigiam aos usos das redes digitais e eletrônicas. As referências sobre o tema proliferavam (Levy, 1992). Ampliamos nossas atuações no sentido de incorporar as mídias digitais no processo de formação de alunos de graduação e de pós-graduação no emprego dos recursos audiovisuais para a produção de novas narrativas etnográficas, agora em hipertextos. No caso das atividades desenvolvidas por bolsistas e pesquisadores do Biev, isto nos conduziu, dentro da perspectiva que tínhamos da Etnografia da Duração,<sup>6</sup> a uma desconstrução paulatina das discursividades que os estudos clássicos sobre patrimônio e memória veiculam no interior das comunidades interpretativas dos antropólogos, dos historiadores, dos arquitetos e dos urbanistas (Eckert e Rocha, 2006a, 2006b).

Esse processo que relatamos, sem dúvida, acarretou para nós o abandono das muitas concepções formalistas de patrimônio e memória que invadem o campo do conhecimento antropológico, conduzindo-nos a refletir, na perspectiva dos procedimentos interpretativos de seus habitantes, sobre as instabilidades e descontinuidades do ato de destruição /criação do teatro da vida urbana nas grandes metrópoles contemporâneas. Nesse sentido, cada vez mais próximas dos estudos do imaginário, da imaginação simbólica e do método de convergência propostos por G. Durand (1984), buscávamos, na modelização dos jogos eletrônicos, no formato de hipertexto, a restauração dinâmica e interativa das “cenas de memória” dos moradores de uma cidade a condição interpretativa para o seu patrimônio, expresso, portanto, na convergência de certos mitologemas e ideologemas (Durand, 1998) presentes nas

.....  
<sup>6</sup> Terminologia que cunhamos durante nosso pós-doutorado na Paris VII, Paris, França em 2001, atuando no Laboratório de Antropologia Visual e Sonora coordenada por Jean Arlaud.

ações e gestos dos individuais e/ou grupos urbanos, em interação contínua com o meio cósmico em que vivem.

## EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIAS NA ÁREA DA ANTROPOLOGIA VISUAL

A partir deste processo de formação desencadeado no interior do Laboratório de Antropologia Social, pelo Núcleo de Antropologia Visual e o Banco de Imagens e Efeitos Visuais, tornam-se frequentes os usos dos recursos audiovisuais nas pesquisas que ali eram produzidas, cimentado com a criação formal da linha de Antropologia Visual dentro daquelas já existentes no programa, como Corpo e Saúde, Sociedades Indígenas e Tradicionais, Estudos de Religião, Cultura e Urbanização, etc., com destaque para os temas afins com a investigação nas metrópoles contemporâneas.

Os *workshops* passam, então, a dinamizar as atividades no/do Navisual tanto quanto no Biev, que começou a usar esse formato de ateliês destinados à formação sistemática do grande público de estudantes e professores interessados neste campo de conhecimento, não somente das Ciências Sociais, mas da Comunicação, do Jornalismo, das Artes Visuais, da Geografia e do Urbanismo, recorrendo de forma especial a metodologia da Etnografia de Rua (Eckert e Rocha, 2012, 2014b). E nessa sucessão de acontecimentos, a equipe do Navisual publicou um estudo sobre o impacto da Antropologia Visual nas pesquisas do programa em *Inventariando a grafia da luz* (Eckert et al, 1997).

Fruto deste percurso de investigações, orientações e formação, o Navisual iniciou a organização de um importante acervo de vídeo sobre a produção audiovisual no Brasil e no exterior (posteriormente convertido para o formato de DVD) buscando o empréstimo aos professores, para uso em sala de aula e consulta presencial, aos estudantes, aos pesquisadores e interessados.<sup>7</sup> No processo de consolidação do Navisual como importante centro de formação em Antropologia Audiovisual no país, o acervo tornou-se, na ocasião e ainda hoje, importante instrumento didático-pedagógico no processo de ensino-aprendizagem dos usos dos recursos audiovisuais na pesquisa na área das Ciências Humanas.

O uso da fotografia nas investigações dentro do Navisual conduziu progressivamente a equipe a usar espaços do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, como lugar de exibição para divulgação de fotografias, desenhos, montagens, pinturas no formato de exposições, apelidado de Galeria Olho Nu, disto decorrendo novas aprendizagens no campo da produção audiovisual: procedimentos para a realização de curadorias e um conjunto de técnicas para o desenvolvimento de uma exposição.<sup>8</sup>

Neste sentido, e na mesma linha de atuação imposta pelo trabalho na área videográfica, outros procedimentos de organização da vida institucional do Núcleo foram sendo adotados em razão da participação de seus pesquisadores e bolsistas em Mostras e Exposições Fotográficas, além das Mostras e Festivais de Filmes etnográficos. Ou seja, a organização de um acervo de exposições fotográficas e de registros de conferências, de entrevistas e bancas, acervo de sons e discos (etnomusicologia) e toda uma bibliografia relevante para a formação em Antropologia Audiovisual.

.....  
<sup>7</sup>Com sede no Laboratório de Antropologia Social do PPGAS, o núcleo possuía um equipamento para atender aos interessados em assistir a algum vídeo.

<sup>8</sup>Todo esse trabalho de produção, concepção e criação de exposições e mostras fotográficas era dividido com a equipe que participava de todos os processos, sendo que, mais tarde, a Galeria Olho Nu passou a aceitar trabalhos produzidos fora do núcleo, desde que o autor da obra aceitasse compartilhar, no formato de conferências, sua pesquisa como forma de transmissão de saber teórico e metodológico para o grupo, que colaborava então na montagem, uma atividade que foi coordenada pela antropóloga Liliane S. Guterres (1994 a 2010) e pela antropóloga Rumi Kubo, de 2010 até hoje.

O crescimento do Navisual torna-se evidente na atuação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social tanto quanto no curso de graduação em Ciências Sociais, e a soma disto resultou na obtenção de quotas de bolsistas de iniciação científica de várias instituições voltadas ao fomento à pesquisa, tais como FAPERGS, CNPq, Pró-reitoria de Pesquisa (PROPEQS) da UFRGS, entre outras. Orientados pela coordenadora Cornelia Eckert, participam desde então, de salões de iniciação científica da universidade, apresentando os resultados das pesquisas desenvolvidas no âmbito do Navisual.

Com o passar dos anos, a demanda pelo ensino de Antropologia Visual cresceu exponencialmente, o que motivou a disciplina de Antropologia Visual ser ministrada na graduação de Ciências Sociais com o nome de Seminário Livre de Antropologia Social (posteriormente Antropologia Visual) e no Pós-Graduação, com o título Antropologia Visual e da Imagem. A atuação de formação do Navisual nestes últimos 30 anos caracterizou-se, portanto, no ensino em sala de aula e no Laboratório de Antropologia Social. Neste contexto, manteve-se a tradição de *workshops* anuais de Etnografia de/na Rua (bairros diversos, Porto Alegre e outras cidades) com a produção de fotografias, vídeos e sons divulgados em exposições diversas e mostras audiovisuais. Escrevemos sobre esta experiência no artigo intitulado *A arte de narrar as (nas) cidades: etnografia de (na) rua, alteridades em deslocamento* (Eckert e Rocha, 2020), com a produção de catálogos (a exemplo ver Eckert et al. 2017, 2018).

Por seu turno, no Biev, avançávamos no sentido do estudo dos procedimentos de organização de um acervo digital multimeios de documentos etnográficos antigos e recentes sobre as transformações da paisagem urbana de Porto Alegre, oriundos da investigação do Projeto Integrado “*Estudo antropológico de itinerários urbanos, memória coletiva e formas de sociabilidade no mundo urbano contemporâneo*”, iniciado em 1998, junto ao Núcleo de Pesquisas sobre Culturas Contemporâneas/NUPECs, do PPGAS/IFCH/UFRGS. E, por meio de esquemas enunciativos da Antropologia Urbana e da Antropologia Visual, dirigimos nossos esforços de pesquisa no estudo dos processos de acessibilidade aos usuários das redes eletrônicas e digitais, em forma de acervos etnográficos multimídia sobre os acontecimentos, fatos e situações que configuram, no tempo, a memória e o patrimônio da comunidade urbana de Porto Alegre.

Iniciamos, portanto, no Banco de Imagens e Efeitos Visuais/Biev, com o tratamento documental das coleções nascidas no interior dos trabalhos de investigação de seus pesquisadores e bolsistas, e ampliamos para os procedimentos com etnografia de acervos de imagens antigas da cidade. No processo de formação do Biev, organizamos as atividades de pesquisa e de estudos em cinco grupos de trabalho, segundo diferentes linguagens e suportes, adaptados para a investigação etnográfica na área da Antropologia Urbana: vídeo, som, fotografia, escrita e web. Dentro delas, todos os membros deveriam vincular-se segundo seus interesses de investigação. Cada um dos grupos de trabalho tinha um dia de encontro por semana, em forma de *workshops*, no qual eram discutidas questões teóricas e conceituais relacionadas às suas práticas de trabalho de campo, através da utilização de recursos audiovisuais, formas de tratamento documental e produção de novos escritos etnográficos apoiadas em diferentes mídias. Da mesma forma, cada um dos grupos tinha por meta a organização de suas próprias bases de dados digitais, oriundos dos acervos etnográficos por eles construídos a partir dos avanços em seus trabalhos de campo, e para serem, mais tarde, colocados num mesmo ambiente de consulta: o Biev-*data* (para consulta local) e o Biev-*site* (para consulta nas redes digitais e eletrônicas).

Foi dessa maneira que mergulhamos na pesquisa experimental com as novas redes eletrônicas e digitais, tendo como objeto a criação de um banco de conhecimento da cidade de Porto Alegre (BIEV-*data*), a ser disponibilizado no portal institucional (BIEV-*site*), no formulário de acervos etnográficos, referindo-se ao levantamento, no mesmo ambiente de cadastro e consulta, de todos os dados etnográficos digitais criados especificamente para esse fim. O que tínhamos como expectativa era o estudo dos jogos de descontinuidade/continuidade temporal que configuram o fenômeno da memória coletiva nas cidades contemporâneas, a partir dos acervos digitais multimídia a serem disponibilizados aos seus habitantes através da sua navegação num museu virtual. O processo de construção de ambos (o banco de dados e o portal) tornava-se, assim, a contribuição do Biev para os estudos das imagens digitais e das tecnologias da informática na construção de narrativas etnográficas. Essa experiência iniciática resultou na obtenção do Prêmio da FERIA de Iniciação Científica da UFRGS, em 2000.

## AULA OU PRÁTICA DE SEDUÇÃO, ANTROPOLOGIA AUDIOVISUAL COMO CUPIDO

.....

**R**etornando as experiências com a formação de investigadores em Antropologia Audiovisual, é importante assinalar a inspiração que foi para nós ministrar a disciplina de Antropologia Audiovisual pela primeira vez para turmas de alunos de graduação em Ciências Sociais. Foi um dos maiores desafios em nossa trajetória profissional. A primeira turma foi aberta em 1999, fruto de divulgação intensa entre os alunos do IFCH, uma vez que, na época, essa área de conhecimento estava ainda incipiente nos cursos de graduação (assim como no pós-graduação, como veremos). O Navisual já possuía uma caminhada reconhecida na área, pela atuação de sua equipe de pesquisadores. De posse desta trajetória, consolidada em âmbito nacional, propusemos um programa de formação dirigido à familiarização dos estudantes de graduação dos cursos reunidos pelo Instituto com a História da Antropologia e os procedimentos e técnicas da etnografia audiovisual, recomendando, ainda que de forma laboratorial, exercícios etnográficos nos diferentes suportes - fotografia, vídeo, som, desenho, performance, entre outros-, em territórios do seu interesse de pesquisa.

A primeira turma e todas as demais mantiveram-se, assim, enormes, em torno de 50 alunos matriculados. As aulas eram estruturadas em reuniões prévias entre a professora, Cornelia Eckert, e a equipe de pesquisadores e bolsistas do Navisual, que colaboravam nas situações de ensino-aprendizagens, em sala de aula, e na orientação dos usos dos diferentes suportes escolhidos pelos alunos para a sua formação. Assim, tínhamos aulas específicas sobre filmar, sobre fotografar, sobre gravar sons, sobre desenhar, sobre performance, sobre pesquisa em acervos, além de outras relativas às possibilidades de acesso às produções de estudantes no formato científico-cultural através de diferentes “obras”: vídeos etnográficos, exposições fotográficas, etnografias sonoras, inserção de desenhos e de material pesquisado em acervos (imagens diversas como fotografias, álbuns de retratos, cartões postais, etc.) nas monografias de conclusão de curso, etc. Assim, as formas criativas de usar os recursos audiovisuais em trabalhos de conclusão passavam a ser transmitidas: capítulos com fotografias, capítulos com vídeos, capítulos com sons, presença de desenhos, de pesquisa em acervos de imagens, instalações, performance, música, diversas formas de apresentar e citar. Os trabalhos finais eram apresentados na forma de instalação na Galeria Olho Nu, sendo cada grupo responsável por um tema, montavam uma instalação que incluía a pesquisa fotográfica, sonora, videográfica e outros recursos de informática, por exemplo, mas também iluminação e curadoria.

Para a consolidação da pesquisa em Antropologia Audiovisual não há dúvidas da importância de se ofertar disciplinas de formação nos diversos níveis, graduação e pós-graduação. No caso do nosso programa de pós-graduação em Antropologia Social, a primeira disciplina de Antropologia Visual e da Imagem foi oferecida em 1997, ministrada por nós, com uma carga horária semanal de 4 horas, em um total de 60 horas aula. Já escrevemos sobre esta experiência alhures (Eckert e Rocha, 2014a).<sup>9</sup>

O ensino da Antropologia Audiovisual, para nós, contempla o desafio de promover, na prática do trabalho de campo de nossos alunos, a compreensão de que a imagem sempre esteve presente na escrita etnográfica clássica. Para tanto, os *workshops* devem conduzir os aprendizes a movimentar-se, na prática, no interior dos processos de desnaturalização do lugar da cultura letrada e através de seu viés positivista no âmbito dos paradigmas da Antropologia contemporânea. Este é um percurso de decolonialidade de saberes que comporta o deslocamento do lugar

.....  
<sup>9</sup> Livro acessível em [http://www.portal.abant.org.br/publicacoes2/livros/antropologia\\_visual\\_-\\_Ana\\_Lucia\\_Marques\\_Camargo\\_Ferraz\\_&\\_Joao\\_Martinho\\_de\\_Mendonca.pdf](http://www.portal.abant.org.br/publicacoes2/livros/antropologia_visual_-_Ana_Lucia_Marques_Camargo_Ferraz_&_Joao_Martinho_de_Mendonca.pdf)

da letra como peça central das próprias aprendizagens da prática etnográfica no mundo contemporâneo tanto quanto a desnaturalização dos usos da imagem em uma civilização, a ocidental, moderno-contemporânea, que tem por princípio o seu consumo e uso excessivo.

Assim, nossa experiência mais formal com a realização de *workshops* como parte do processo de formação em nível de pós-graduação ocorreu pela primeira vez como proposta de fechamento da disciplina de Antropologia Visual e Imagem, no primeiro semestre de 2003, junto ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, na UFRGS. A cidade escolhida para essa primeira oficina de Etnografia Sonora e Visual foi a cidade de Cachoeira do Sul (RS), o que implicou a organização de uma logística para o trânsito e a estada da turma de alunos no local por cinco dias. A partir dessa experiência, mantivemos a forma de ensino-aprendizagem com base na construção coletiva de conhecimentos e nas trocas intelectuais que elas permitem entre os participantes, além daquelas dos participantes com os professores. As demais experiências ocorreram na cidade de Guaíba, na cidade de Viamão e em Porto Alegre.

Em todos os encontros, organizamos a sala de aula em grupos de aprendizagens, os quais recebem exercícios etnográficos a serem realizados nos contextos citadinos em que os *workshops* aconteciam e de acordo com os diferentes suportes distribuídos no interior dos respectivos grupos: fotografia, vídeo, gravador, desenho. Outro ponto importante é a aceitação de que não se deve separar os afetos que comportam as aprendizagens lógicas, pois esta cisão provoca distorções no processo de formação de competência para o sujeito do conhecimento. Neste ponto, sempre iniciamos o processo de formação, com o convite aos participantes a descobrirem, de forma breve, a respeito dos interesses, inclinações pessoais, expectativas e experiências anteriores nesse campo de conhecimento. Segundo nossa proposta didático-pedagógica, a formação teórica e conceitual orienta-se, assim, pelos problemas que surgem ao longo dos trabalhos realizados pelos alunos em processo de formação durante os *workshops* e pautam-se pelas trocas coletivas ocorridas no interior de uma equipe, uma vez que a turma de alunos era dividida segundo suas áreas de interesse, oportunamente escolhidas nas cidades-sede, a serem por eles investigadas e organizadas segundo os graus diferenciados de conhecimentos técnicos dos seus membros. Os equipamentos usados nos exercícios etnográficos propostos por nós, sempre tendo como foco as metrópoles contemporâneas, podem ser os dos próprios estudantes ou, por vezes, emprestados pelo Núcleo de Antropologia Visual.<sup>10</sup>

Em todos os *workshops*, consideramos importante pensar a acessibilidade das produções que delas resultaram para além dos muros de uma sala de aula, através de apresentações no formato de vídeos etnográficos e exposições fotográficas. No caso da primeira proposta, a de Oficina como *lócus* de ensino-aprendizagem em Antropologia Audiovisual, acompanhamos os grupos em seus locais de pesquisa e reunimos a experiência coletiva no documentário *Tempo narrado, tempo vivido* (<https://www.ufrgs.br/biev/producoes/tempo-vivido-tempo-narrado>), que articula as produções dos alunos com as imagens por nós produzidas em campo, no formato de uma etnografia da etnografia, cenário no qual as histórias narradas pelos habitantes da cidade se misturam às dos alunos e às nossas. Em igual formato, podem ser consultados os documentários *Iluminando a Face escura da Lua: entrevista com Roberto Cardoso de Oliveira* (<https://www.ufrgs.br/biev/producoes/iluminando-a-face-escura-da-lua-entrevista-com-roberto-cardoso-de-oliveira>), *Encantos da Praça* (<https://vimeo.com/80486319>) e *A Ilha assombrada: realidade ou ilusões* (<https://www.ufrgs.br/biev/producoes/a-ilha-assombrada-realidade-ou-ilusoes>), esta última, uma oficina realizada com alunos de uma escola pública da Ilha dos Marinheiros, em Porto Alegre.

.....  
 10 Lembrando de estudantes uruguaios que participaram de nossos cursos de Antropologia Visual, é bom considerar o aproveitamento que Yamila Rovitto Barragan "A Igreja Universal do Reino de Deus no Uruguai: um estudo antropológico sobre narrativas" (2003), de Juan Agustín Scuro Somma, "Neochamanismo en América Latina: una cartografía desde el Uruguay" (2016); de Lélío Nicolas Guigou Mardero, "Religião e produção do Outro: mitologias, memórias e narrativas na construção identitária das correntes imigratórias russas no Uruguai" (2008), todos orientados do Prof. Ari Oro, e de Mabel Luz Zeballos Videla, "Uruguayos, ¿dónde fueron a parar?". As "remotas" localidades do Departamento 20. Antropología de itinerários, sociabilidades e memórias de uruguaios residentes em Florianópolis e Porto Alegre (Brasil) e na Catalunha (Espanha)" (2013), com orientação de Cornelia Eckert.

## EXPERIÊNCIAS INTERNACIONAIS E A REDE LATINO-AMERICANA EM ANTROPOLOGIA AUDIOVISUAL

---

Importa acrescentar que, em 2001, tivemos a oportunidade de desenvolver um programa de pós-doutorado sob a orientação de um antropólogo cineasta que muito admirávamos, Jean Arlaud. Sua obra contempla inúmeros filmes: *Jours Tranquilles* e *La Goutte d'Or*, na França, *Le Chemin des Indiens morts*, na Venezuela, *Les Fusils Jaunes*, na Etiópia, e *Touch pas le malins*, no Paquistão, além de outros tantos em que se destaca a dialogicidade compreensiva com que, através da câmera, interagia com seus (e suas) parceiros (e parceiras) de pesquisa. Com Jean Arlaud, sentimo-nos cada vez mais livres para explorar a interatividade e a complementaridade dos suportes de registro etnográfico por meio de imagens. A sua presença entre nós, no Brasil, durante a realização do documentário *Poeira do Tempo, figuras e lendas do imaginário gaúcho* (<https://vimeo.com/170509803>), motivou-nos para a produção de outro, de cunho didático, sobre sua perspectiva dos usos da imagem na produção do conhecimento antropológico: *O cinema é como uma dança* (<https://vimeo.com/212501073>). Sua generosidade intelectual e sua afetuosidade ao longo de nosso processo de formação de pós-doutoramento na Universidade de Paris V, onde atuava como professor e pesquisador, permitiu-nos a descoberta das potencialidades de uma Antropologia não apenas visual, mas sonora, na qual as imagens-sons se autonomizavam e nos conduziam ao registro etnográfico de outra dimensão sensível da vida social, as suas sonoridades (Eckert e Rocha, 2016b).

Ainda em 2001, tivemos a oportunidade de participar de uma Conferência mundial de Antropologia Visual que reuniu todos os grandes nomes de cineastas antropólogos vivos. Um encontro memorável, organizado pelos antropólogos e cineastas alemães Beate Engelbrecht e Rolf Husmann, assim como por muitos outros, o evento ocorreu em Göttingen (Alemanha), reunindo três gerações de antropólogos/as visuais do mundo inteiro, refletindo sobre “o passado e o presente da Antropologia Visual”.

Aliás, tais encontros congregando pesquisadores e estudiosos da área já transcorriam de forma sistemática também no Brasil, através da organização de grupos de trabalho e de mesas redondas de Antropologia Visual. Tais estudos se estendiam sistematicamente nas reuniões científicas brasileiras e internacionais, como a Reunião Brasileira de Antropologia, a Reunião Antropologia Mercosul, a Reunião da Antropologia Norte e Nordeste e, Reunião Antropologia Equatorial, Reunião da Associação Nacional de Pesquisadores de Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Sociologia, Antropologia e Ciência Política (ANPOCS), etc., com uma profícua produção bibliográfica sobre esta linha de pesquisa (como exemplo ver Eckert & Monte-Mór, 1999; Cauby et al, 2005). Nesses momentos eram realizados inúmeros eventos da área, como exposições fotográficas e mostras de filmes etnográficos, numa agenda que permanece até os dias de hoje, envolvendo vários laboratórios e núcleos de pesquisa que começaram a surgir nos inúmeros programas de pós-graduação em Antropologia, nas variadas instituições de ensino superior do país, cabendo destacar a atuação da Comissão de Antropologia Visual da Associação Brasileira (ABA) de Antropologia e do Comitê de Imagem e Som da ANPOCS.

Em outros artigos já publicados (Eckert e Rocha, 2016a), referimos a consolidação de uma rede de pesquisadores em Antropologia Audiovisual no Brasil. Trata-se de um sistema que se fortaleceu, em especial, graças à atuação destes pesquisadores vinculados à ABA e à ANPOCS, que lideravam na organização de Grupos de Trabalho, Mesas Redondas, Cursos e Oficinas e na Organização do Prêmio Pierre Verger para Fotografia e Vídeo.

Nessas ocasiões era comum serem chamados antropólogos e antropólogas latino-americanos/as, que conhecemos destacadamente na Mostra Internacional de Filmes Etnográficos, como Carmen Guarini (Argentina), Ana Zanotti (Argentina), ou nas Reuniões de Antropologia Mercosul, sendo a primeira em 1995, ou na Reunião Equatorial de Antropologia, sendo a primeira em 2009, e no Congresso Internacional Americanista, como a ocorrida em Santiago do Chile, em 2003, onde participamos do GT de Antropologia Visual organizado por Gastón Carreño, Margarita Alvarado e Pedro Mege e, no México, em 2009, onde simpósios de Antropologia eram organizados com a participação da Antropologia Latino-americana. No 53º Congresso Internacional de Americanistas, na cidade do México (19 a 24 de julho de 2009), participamos do Simpósio *Investigar (con) imágenes. Construcción, circulación y recepción visual*

en los estudios sobre la alteridad en Latinoamérica, coordenado por Mariana Giordano (Argentina) e Gastón Carreño (Chile).

Nas décadas seguintes, as reuniões de Antropologia Mercosul foram fundamentais para incrementar uma rede de intercâmbio significativa entre pesquisadores do cone sul, como Brasil, Uruguai e Argentina. Nas três ocasiões de desenvolvimento das RAMs, no Uruguai, em Piriápolis (1997), em Montevidéu (2005) e mais uma vez em Montevidéu (2015), as atividades de Antropologia Audiovisual estiverem fortemente representadas com mostra de vídeos e de fotografias, nestas reuniões internacionais, sob a liderança de Lelio Nicolas Guigou Mardero, Betty Francia e Eduardo Álvarez Pedrosian, entre outros/as.

Também as Reuniões de Antropologia Mercosul, na Argentina, permitiram o fomento de muitos intercâmbios que permanecem ativos. A Universidade de Buenos Aires possui a Antropologia Visual como uma linha de pesquisa muito consolidada, com cursos sistemáticos na área em que se destacam os nomes de Carmen Guarini, Marina G. De Angelis, Greta Winckler, Paula Bruno e Julieta Pestarino e também Carlos Eduardo Massota, que coordenou as atividades de Antropologia Visual na RAM 2009. Com Márian Moya e Camila Alvarez, da Universidade Nacional de San Martín, tivemos trocas muito frutíferas. Rosana Guber, também da San Martín e IDES, foi responsável pelo convite de um intercâmbio em que desenvolvemos uma oficina de Antropologia Visual nesta instituição (2010). Também em outros centros universitários argentinos circula uma produção de Antropologia Visual profícua, como na Universidade Nacional de Rosario, Córdoba e Posadas, esta última cidade tendo sido, por duas vezes sede, da Reunião de Antropologia Mercosul.

A rede de investigadores latino-americanos não para de crescer e, em 2020, foi lançada oficialmente com o nome de *Rede de Investigación em Antropologia Audiovisual*, com a sigla RIAA. Reúne pesquisadores de todos países latino-americanos. A liderança da rede é dos professores Mariano Báez Landa (CIESAS, México) e Gabriel O. Alvarez (PPGAS/UFG, Brasil). Isso revela a consolidação da linha de pesquisa de Antropologia Visual e da imagem em quase todos países latino-americanos.

## O AMBIENTE DAS REDES DIGITAIS E ELETRÔNICAS E A OBRA ETNOGRÁFICA

Nos últimos anos, a produção de novos escritos etnográficos no site do Biev (<https://www.ufrgs.br/biev>), abarcando a divulgação de seus estudos e a acessibilidade da produção de seus pesquisadores e bolsistas aos usuários das redes digitais no contexto enunciativo das novas textualidades eletrônicas tem provocado, entre nós, uma reflexão crescente sobre o processo de desterritorialização da representação etnográfica e a desmaterialização do texto etnográfico.

Dentre tantas reflexões, gostaríamos de destacar os efeitos do processo de organização dos dados etnográficos a partir de sua digitalização (digitalização, com a redução dos dados a um código numérico binário), como forma de registro documental, por um lado, e, de outro, os modos de resgate, em termos da dinâmica de sua reapresentação de forma virtual, nas telas de computadores, de celulares e de outros tantos dispositivos eletrônicos de comunicação audiovisual.

Apostamos aqui, desde o início de nossas pesquisas na área, que não se trata de criticar a deslinearização da narrativa etnográfica face ao carácter descentralizado da WEB mas sim de potenciar a utilização destas tecnologias no tratamento documental de acervos digitais multimídia sobre o tema das memórias e dos patrimônios que constituem as obras da cultura humana, a partir da construção de sistemas de hipertexto, explorando, nesses ambientes, as potencialidades de suas narrativas etnográficas múltiplas e plurais. Mais recentemente, um exemplo de nossas pesquisas pode ser acessado no site da Revista Fotocronografias, (<https://medium.com/fotocronografia>), com a coordenação das autoras e de Fabrício Barreto e Felipe Rodrigues, destinado a “promover uma Etnografia da Duração que tem por base a construção de coleções etnográficas digitais no suporte da informática disponibilizada no portal [www.biev.ufrgs.br](http://www.biev.ufrgs.br)”.

Tratamos, assim, na formação de nossos bolsistas e pesquisadores, tanto do Navisual quanto do Biev, de provocá-los a produzir outras modalidades de construção do conhecimento antropológico, considerando-o no interior de sistemas abertos, a partir dos conceitos de bifurcação e não linearidade de acesso a documentos, dados e informações recolhidas por eles em suas pesquisas de campo e nos acervos de instituições por eles visitados. E, ao reuni-los em coleções, num banco de conhecimento, disponível *on line*, vamos assim, progressivamente, fazendo-os refletir sobre a ordem reversível com que o pensamento antropológico opera, uma vez que ele próprio se configura no âmbito de uma textualidade, até certo ponto incompleta, provisória, eternamente construída e reconstruída, acerca da imagem de Si e da Alteridade.

Para nós, a investigação com jogos de memória eletrônica e as novas textualidades (Manovich 2005, 2015) por ela inventadas reside, justamente, no ato de explorar essa circunstância de "múltiplas leituras", o que faz com que o leitor-usuário da Internet, diante das múltiplas interfaces dadas pelo telas-janelas, dispostas de acordo com laços interligados por uma configuração virtual, não se limite apenas à construção de uma relação direta dos dados etnográficos com o mundo real dos fatos observados em campo pelo próprio antropólogo e de onde se originaram (Rocha, 2000, 2006, 2006a, 2006b e Rocha et al, 2008a e 2008b).

O procedimento de transformar o documento etnográfico de seu suporte original (em sua forma analógica, fixa e, em certa medida, perene) em dados numéricos, muitas vezes pode conduzir o pesquisador incauto à sensação de presenciar a ruína da integridade, da identidade e autenticidade do documento etnográfico. Obviamente, esse não tem sido o ponto de vista adotado na pesquisa do Biev com acervos etnográficos multimídia ao longo dessas três décadas de pesquisa. Contrapondo-se à definição de caráter positivista da representação etnográfica em sua referência aos fatos do mundo, aos quais o/a antropólogo/a deve se ajustar e/ou confrontar, o acesso à produção de conhecimento antropológico nas redes eletrônicas, através das mídias digitais, ainda que sujeitas à criação e ao desenvolvimento de *softwares* específicos, vão depender dos percursos propostos pelos usuários na consulta das referidas bases de dados e de acordo com as múltiplas leituras do mesmo conjunto documental.

Nesse sentido, em nossas experiências com o ensino e a formação de pesquisadores no uso das ferramentas disponíveis pelas mídias digitais, observamos que, no hipertexto, a forma de escrita etnográfica produz uma discursividade própria. Isto é, o caminho de construção do conhecimento antropológico acontece por meio de transições entre determinadas informações selecionadas pelos usuários das redes eletrônicas e cujos vínculos dependem da trajetória do leitor/a-navegador/a diante das imagens etnográficas (agora em sua forma numérica) por ele acessadas. Este é um percurso que poderá ser realizado, a todo o tempo, em diferentes direções, como leituras plurais de sistemas culturais (Rocha, 2006).

A hipertextualização da escrita etnográfica instrumentaliza, portanto, os/as antropólogos/as os formados em nossos *workshop* a leituras plurais de sistemas culturais pela maneira como os dados etnográficos coletados pelo etnógrafo, em seu trabalho de campo, estão dispostos em rede. Embora essa escrita seja criticada pelo fato de ser sustentada por uma estética do fragmento e do relato, o texto etnográfico clássico, em forma de livro, contribui, por meio de sua narrativa linear, para a construção de um sentido para o caso da interpretação das culturas.

Um exemplo desta forma de produção de conhecimento antropológico com base nas mídias digitais na disponibilização dos dados de pesquisa nas redes eletrônicas foi a experiência, no interior do Biev, do Projeto *Habitantes do Arroio: estudo de conflitos de uso de águas urbanas, risco, saúde pública e comunidades étnicas em Porto Alegre-RS*. O projeto obteve financiamento do CNPq e foi desenvolvido conjuntamente por pesquisadores que integram o grupo de pesquisa Banco de Imagens e Efeitos Visuais (Laboratório de Antropologia Social – PPGAS/UFRGS) e pela ONG Instituto Anthropos. De testemunhos, depoimentos e das observações resultantes da pesquisa, seguindo o recorte teórico-conceitual que fundamenta os problemas propostos pelo projeto, a pesquisa fez um extenso repertório de sistemas de práticas e de valores que orientavam os conflitos envolvendo as águas num contexto urbano, no caso, a sub-bacia do Arroio Dilúvio, em Porto Alegre/RS. Foi uma experiência de etnografia

em hipermídia que se apoiou na construção de um blog, onde todo o percurso da pesquisa foi registrado e armazenado, sendo disponibilizado para todos os interessados no tema via Internet (<http://habitantesdoarrio.blogspot.com/>)

A investigação, com jogos de memória eletrônica, das mídias digitais e das novas textualidades por elas inventadas, tem conduzido, progressivamente, à exploração das circunstâncias de "múltiplas leituras", que permitem ao leitor-navegador da Internet refletir sobre a relação dos dados etnográficos com o mundo dos fatos observados em campo pelo próprio antropólogo e com o contexto de onde se originaram e no qual vivem esses mesmos leitores-navegadores.<sup>11</sup>

Nesse sentido, observamos que a forma de escrita etnográfica em hipermídia produz discursividades em que o próprio caminho de construção do conhecimento antropológico se dá a ver. Nesse caso, a exposição comemorativa dos 20 anos de atuação do Biev, (<https://www.ufrgs.br/biev/>) no campo da pesquisa antropológica com imagens pode ser um bom protótipo de modelização do patrimônio de exposições fotográficas promovidas por um núcleo de pesquisa, acessível via WEB. Isto porque, nas mídias digitais, a leitura do "texto etnográfico" transcorre por meio de transições entre determinadas informações selecionadas cujos vínculos dependem da trajetória do leitor diante dos dados etnográficos a ele disponibilizados, percurso que poderá transcorrer, a qualquer momento, em diferentes direções como leituras plurais de sistemas culturais (Rocha, 2004), diversamente da ambiência do texto escrito.

Apontamos aqui para a construção do *blog O livro do etnógrafo* (<https://medium.com/livrodoetnografo>) por alguns de nossos pesquisadores associados do Biev, Matheus Cervo (etnografia de desenhos) e Felipe Rodrigues, num procedimento de atualização, na plataforma *Wordpress*, do antigo *blog* com o mesmo nome, criado nos moldes da plataforma *Blogspot*, e onde buscamos divulgar determinados experimentos realizados pelos "bivianos" com a escrita etnográfica na cidade de Porto Alegre, através das experiências de pesquisa realizadas com as mídias digitais no Biev. Esse *blog* foi reconstruído com a finalidade de estimular nossos alunos a refletir sobre as fontes escritas do pensamento antropológico, os seus dilemas e os desafios na produção de etnografias no e do mundo urbano contemporâneo.

Como consta na apresentação do blog, ler e escrever, assim como ver e ouvir, fazem parte de nossas experiências de trabalho de campo como antropólogos, etnógrafos ou aprendizes de ambos os ofícios e, assim sendo, o *livro do etnógrafo* não se trata nem de um receituário nem de uma cartilha, apenas se propõe a expor aos interessados nossos procedimentos escriturísticos e escriturários, por intermédio dos quais buscamos refletir sobre a figura do/a antropólogo/a não apenas como autor/a, mas como narrador/a da vida urbana. Experiências, cabe salientar, realizadas pelos integrantes do Biev e do Navisual durante os seminários que realizamos em ambos os núcleos de pesquisa, semestralmente, há mais de duas décadas.

Ampliamos nossas perspectivas de ensino e pesquisa ao incorporarmos o debate em torno dos limites e possibilidades do hipertexto para a escrita etnográfica instrumentaliza, tendo em vista as potencialidades de leituras plurais dos sistemas culturais que elas permitem, redimensionando a forma de acesso dos usuários das redes mundiais de computadores ao acervo de documentos reunidos pelos/as antropólogos/as em suas pesquisas de campo.

Explorando a poética do fragmento e do informe que caracteriza a escritu-

.....  
11 Em referência a outro artigo já publicado no site [www.estacaoportoalegre.com.br](http://www.estacaoportoalegre.com.br), denomina-se aqui de hipertexto etnográfico, um conjunto não estruturante a priori de informações e dados registrados pelo antropólogo em seu trabalho de campo, em diversos meios de comunicação (textos, fotos, sons, filmes, etc.) que, digitalizados, são colocados no mesmo ambiente de consulta e que, interligados, configuram a sua interpretação de determinadas culturas segundo um sistema aberto e onde a ação de leitura de dados etnográficos imediatamente reconfigura a totalidade do conhecimento ali reunido.

.....  
 12 No caso do dispositivo hipertextual, a literalidade do texto etnográfico consiste em fazer com que cada um de seus componentes apareça na forma geral da obra, pois, quanto mais se distancia da ilusão referencial (efeitos de verossimilhança com o real) mais reforça a ilusão literal (semelhança). Cada fragmento do hipertexto remete o leitor não para o final do texto (já que este não é linear), mas para a figura de sua totalidade.

13 Já escrevemos sobre este tema no artigo intitulado *Ética e Imagem: um percurso*. Eckert, C e Rocha, A.L.C. da In: *Revista Iluminuras, Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais - LAS/PPGAS/IFCH/UFRGS*, v. 5, n. 11 (2004). Disponível online: <http://seer.ufrgs>.

ra hipertextual, podemos confrontar a linearidade da cultura da escrita a qual pertence o texto etnográfico clássico assim como a cultura do espaço livresco onde ele se deposita, no desafio de promover novas formas de interpretação para as culturas.<sup>12</sup> Um exemplo destas possibilidades está no site do Projeto Memória do Trabalho (<https://www.ufrgs.br/memoriasdotrabalho/>), um banco de conhecimento que apresenta aos interessados os dados de uma pesquisa de 5 anos, realizada no Biev por uma equipe de pesquisadores e bolsistas, com apoio do CAPES, sobre as memórias do trabalho nas modernas sociedades complexas, urbano-industriais, tendo como foco a cidade de Porto Alegre. Outro exemplo são os dois DVDs interativos, produzidos por Viviane Vedana, sob a coordenação das autoras: *Etnografias do Trabalho, saberes e fazeres* e *Etnografias do Trabalho: memórias e cotidiano*.

## SOBRE AS DIMENSÕES DA ÉTICA NAS APRENDIZAGENS DOS USOS DA IMAGEM ETNOGRÁFICA EM HIPERMÍDIA

**P**orém, se a grande liberdade de expressão é um dos méritos do ambiente WEB, a manutenção dessa exigência, pautada na ética, requer mecanismos capazes de garantir uma reflexão sobre os vínculos nos hipertextos a partir dos quais transcorre, nos últimos tempos, o trabalho etnográfico com base no uso das mídias digitais e, em particular, no âmbito das redes eletrônicas.

Não podemos, portanto, deixar de frisar aqui a relevância de observar na formação do/a etnógrafo/a, no uso dos recursos audiovisuais. O tema da ética, que abarca não apenas o momento delicado dos registros de pesquisa ao longo do trabalho de campo, mas, a posteriori, revela-se crucial no momento da sua divulgação para além dos muros acadêmicos. Não menos importante do que as reflexões estéticas envolvendo o uso da imagem em toda pesquisa antropológica, as questões éticas tornam-se fundamentais durante todo o processo de tratamento documental do registro etnográfico para torná-lo acessível na Internet, o que requer, para o nosso caso, uma atenção redobrada para que o/a pesquisador/a atente ao código de ética da Associação Brasileira de Antropologia e os Direitos de Imagem.<sup>13</sup>

Com a passagem do tempo, trabalhando na formação de pesquisadores para atuarem na área da Antropologia audiovisual, cada vez mais nos tornamos vigilantes quanto às novas formas de produção de imagens da Alteridade desde o ponto de vista daquilo que, na tradição ocidental, o “estético” convoca em termos do que essa dimensão se revela como um ato político. Nossa inspiração para essa conduta epistemológica, diante dos riscos envolvendo os usos mais recentes das imagens na produção de narrativas etnográficas hipertextuais, vem das reflexões de Rancière (2005) para o caso dos grandes regimes de imagens que habitam o pensamento das artes no Ocidente, e que podem nos servir de alerta.

Para atingirmos a necessária vigilância epistemológica acerca do uso das imagens em Antropologia, nos termos bachelardianos (Bachelard, 1968, 1996), vale lembrar a distinção que autor apresenta entre os três grandes regimes de identificação do pensamento nas artes. O regime ético das imagens, que se refere à produção de obras culturais as quais não eram identificadas como “arte”, sendo a expressão de modos de ser de uma sociedade, ou seja, “ao *ethos*, à maneira de ser dos indivíduos e das coletividades” (Rancière, 2005, p. 28). Nestes termos, e incorporando-os às nossas reflexões sobre as obras da cultura humana que registramos em imagens, dos mais variados gêneros, estilos e formatos, em nosso tra-

balho de campo e aos quais denominamos “dados” ou “fatos” etnográficos”, o “regime ético” das imagens tal qual apontado pelo autor revela-nos que as imagens que produzimos em nossas pesquisas não têm valor em si mesmas, pois só expressam um sentido no interior da vida social onde são geradas e em razão dos efeitos que tais imagens lhe inspiram. As imagens etnográficas adquirem, assim, valor pelo seu caráter descritivo de “palavra em ato”.

Da mesma forma, reconhecemos ainda, com base no que coloca Rancière sobre a partilha do sensível para o estudo do campo artístico, que as imagens, ditas por nós, “etnográficas” comportam igualmente o “regime poético” no que se refere à dimensão representacional que existe em toda e qualquer obra da cultura humana, entre elas as produções no campo das artes; ou seja, a expressão de formas normativas de ver, fazer e julgar associada, no nosso caso, às regras de uma comunidade interpretativa, a dos antropólogos, e aos seus saberes e fazeres. Aqui, nossas imagens valem por aquilo que elas narram, por restaurarem, pela via da narração, o ato de onde a palavra do Outro foi enunciada. Nos termos do autor, estamos no primado da arte da palavra (Rancière, 2005, p. 32). E por aí, divididos entre estes dois regimes da partilha do sensível, é que nos encontramos como antropólogos/as quando produzimos nossas etnografias com imagens. Diferentemente das artes, que contemplam em sua prática de produção de imagens o “ser próprio da arte”, através da disjunção entre o sensível e o pensável, não aderimos ao regime estético da partilha do sensível, uma vez que nele “as coisas da arte” estão desobrigadas de toda e qualquer regra específica, afirmando sua absoluta singularidade e autonomia (Rancière, 2005, p. 32).

Dentro desse espectro de preocupações, nossos estudos mais recentes, assim como nossas experiências de ensino-aprendizagem com os usos da imagem na pesquisa etnográfica, dirigidos à produção de novas escritas em hipermídia, têm nos alertado para alguns desdobramentos específicos que elas acarretam para a formação contemporânea do profissional da Antropologia. No debate sobre a construção das etnografias hipertextuais, as três modernas categorias de interpretação da profissão do antropólogo no mundo contemporâneo (Cardoso de Oliveira, 1996) – a de indivíduo, da política e da moral-, aparecem entrelaçadas em razão da forma como essas modalidades de escrita etnográfica promovem uma perturbação nos estudos acerca dos dispositivos de poder que presidem aos contextos enunciativos clássicos do conhecimento antropológico.

Diante das novas textualidades digitais e eletrônicas, e fora do clássico espaço livresco e acadêmico onde costumávamos ver circular as nossas produções intelectuais, assim como as obras dos pais e mães fundadores/fundadoras de uma comunidade interpretativa específica, a Antropologia, amplia-se ainda mais a insegurança moral e epistemológica que habitualmente presidia o estatuto autoral de representação etnográfica na pesquisa antropológica (Eckert e Rocha, 2016a). Em particular, acirra-se o debate em torno dos direitos da personalidade e dos direitos autorais que toda e qualquer obra produzida pelos/as antropólogos/as encerra (livros, teses, dissertações, artigos e o cortejo de imagens da Alteridade que deles se depreendem).

Ao longo de décadas de trabalhos desenvolvidos pelos estudiosos e pesquisadores que passaram pelo Biev, o uso de imagens na produção de escritos etnográficos, mais recentemente na última década, através da produção, criação e geração de coleções etnográficas sobre a memória e o patrimônio porto-alegrense para WEB, tem apontado, e que jamais havíamos previsto no início da nossa formação acadêmica, que os direitos de personalidade e os direitos autorais se desdobram em aspectos múltiplos, cada vez mais sofisticados e complexos em sua natureza.

Temos, por um lado, o direito à personalidade, referindo-se à inviolabilidade do direito de qualquer pessoa à sua imagem, sendo tratada no plano do direito constitucional. Por outro, o direito de autor, relacionado a titularidade das obras produzidas por pessoas e, a partir disso, surgem questões patrimoniais, tendo em vista que a integridade da produção passa pelo usufruto dos benefícios daquela autoria. Respeitando os direitos da personalidade (imagem e som) e os direitos autorais e afins, pesquisadores e acadêmicos do Navisual e Biev temos pautado nossas ações de conservação, produção, geração e criação de imagens da/na cidade de Porto Alegre, sempre atentos ao aceite prévio de nossos parceiros de pesquisa na divulgação de suas imagens, sem finalidades comerciais ou financeiras, e sob a égide de um trabalho colaborativo entre todos os envolvidos nesse processo.

Em relação ao processo de registro de imagens nos espaços públicos dos centros urbanos, no contato com seus habitantes, tanto quanto de uso de imagens de acervos, públicos ou privados, o critério que adotamos é o de que todas elas são, por definição, públicas, podendo ser utilizadas na formação de acervos, mas sem qualquer autorização para fins comerciais ou publicitários, ainda que obtida a autorização do autor do registro. Por um lado, as reproduções, em formato digital, de imagens da cidade de Porto Alegre, retiradas de publicações impressas, devem conter, na medida do possível, a identificação do autor e a referência explícita obra da qual foram tomadas. Por outro lado, no que se refere à temática dos direitos da personalidade, as imagens captadas e produzidas durante os trabalhos de campo, e que compõem a paisagem urbana da cidade, embora a sua publicação não necessite de autorização, são sempre remetidas às situações, lugares e acontecimentos de onde foram obtidas, sendo colocadas à disposição da avaliação de seus habitantes.

Em caso de uma recusa dos nossos/as parceiros/as de pesquisa na divulgação das imagens para um público em geral, elas não são disponibilizadas na WEB. O mesmo tratamento é dado a imagens captadas de humanos e não-humanos em situação de vulnerabilidade, atentas que nos tornamos ao consumo global das imagens do exótico e do pitoresco para o caso da forma como a nossa civilização das imagens interage com a Alteridade, produzindo e reproduzindo, em muitos casos, estigmas e estereótipos de todos os matizes. Assim sendo, adotamos por princípio, em relação às imagens produzidas no campo, que os próprios pesquisadores e acadêmicos são responsáveis por formar seu acervo etnográfico e disponibilizá-lo na base de dados do Biev, o que implica a autorização por parte de seus parceiros para a veiculação de suas imagens nas redes digitais e eletrônicas.

## **PALAVRAS CONCLUSIVAS: A PRESENÇA DAS IMAGENS EM DISSERTAÇÕES E TESES**

.....

**N**os dias atuais, são muitos os estudos antropológicos com produção audiovisual; um panorama que não existia em nossos tempos de formação de graduação e pós-graduação. Nestes tempos de atuação na pesquisa e no ensino de Antropologia Visual, vários foram os estudantes que buscaram nossa orientação para a pesquisa nesta área especializada. As possibilidades de apresentar uma produção etnográfica por imagens nos trabalhos finais de formação na graduação e pós-graduação, em nível de mestrado e doutorado hoje, no Brasil e no exterior, são muitas, em convergência com as normas técnicas de produção científica adotadas para o espaço livresco, em conformidade com a cultura da escrita.<sup>14</sup>

O mais comum é, sem dúvida, a apresentação de imagens produzidas e pesquisadas no formato de fotografias no interior da estrutura de um texto escrito, nos moldes mais convencionais e canônicos, segundo as normas acadêmicas. Ora estas imagens aparecem articuladas com os textos escritos, fragmentos de entrevistas ou trechos do diário de campo citados, ora a opção é por um capítulo apresentando imagens organizadas e dispostas num diálogo entre si, na lógica narrativa, com legendas no final da seção (por exemplo) ou, ainda, abrindo os capítulos em alusão ao conteúdo das partes que compõem o trabalho escrito como um todo. Em alguns casos, há ainda a opção por seguir o modelo de Gregory Bateson e Margaret Mead (1942) de criação de pranchas, relacionando às imagens a ficha temática e orientando a leitura das mesmas por numeração, além de outras formas criativas.

[br/index.php/iluminuras](http://br/index.php/iluminuras) .....

<sup>14</sup>Sugerimos aqui, entre outros, a obra de Chartier, R. (2002, 2003, 2009).

Esse foi o caso paradigmático adotado por Silóé Soares de Amorim em sua tese de doutorado, intitulada *Resistência e Ressurgência: indígena no Alto Sertão alagoano* (2010), em que o autor recorreu tanto a um misto destes estilos, usando de forma criteriosa as fotografias no interior do texto, ocupando toda a página ou agrupando-as entre si, utilizando várias páginas ou, ainda, dispondo-as em as pranchas à maneira de Bateson & Mead. Em todas as modalidades, o autor atribui a cada uma delas uma legenda, pois lhe interessava elaborar um denso repositório de imagens que testemunhassem o processo de ressurgência dos índios Kalankó, Karuazu, Koiupanká e Katokinn e, assim, com essa produção acadêmica, oferecer este banco de imagens ao movimento indígena no qual seu trabalho de campo estava inserido.

Silóé Amorim não se ocupou apenas de construir um acervo fotográfico, pois sua obra contempla um rico repertório de vídeos e sons produzidos pelo antropólogo durante os 10 anos de seu trabalho de campo com essas populações, transformando sua criação numa imensa coleção de documentos fotoetnográficos e etnofílmicos, por meio dos quais somos conduzidos a conhecer, em pleno século XXI, os rituais, os encontros e outras manifestações de um movimento de ressurgência indígena no sertão alagoano brasileiro. A tese, publicada recentemente (2017), insere-nos na questão do compromisso ético do fazer Antropologia Audiovisual no mundo contemporâneo, uma vez que a complexidade da pesquisa exigiu que o autor vivesse intensamente uma condição híbrida durante o trabalho de campo e em seus registros etnográficos: a de pesquisador, arquivista, fotógrafo, cineasta, musicólogo, agente público, mediador cultural, enfim, responsabilidades que, não raro, permeiam o ofício do antropólogo.

Hoje, mais do que no século passado, a exemplo da tese aqui mencionada, o desafio do trabalho com imagens na pesquisa antropológica contempla atividades diversas e complexas como as que Silóé experienciou em sua tese de doutorado: recuperar imagens produzidas ao longo da pesquisa de campo, restaurar antigos filmes e sons registrados, restituir este material aos parceiros de pesquisa em razão da luta de resistência de populações por suas tradições e o legado de seus antepassado, sempre e cada vez mais atentos à perspectiva decolonial das imagens, além da restituição das mesmas a quem lhes é de direito.

Outros exemplos que trazemos são os estudos antropológicos de Viviane Vedana (2004, 2008) e de Rafael Devos (2002, 2007), pesquisas realizadas no âmbito do Biev, recorrendo às imagens visuais e sonoras no contexto da dissertação e tese, mas incluindo etnografia hipertextual. Estas etnografias estão disponíveis no site do projeto Biev <https://www.ufrgs.br/biev/>. Da mesma forma, a tese de Fernanda Rechenberg, bolsista no projeto Biev e pesquisadora no Navisual, aluna de mestrado e doutorado (Rechenberg, 2007; 2012). Ao longo da tese de doutorado sobre imagens de famílias negras em Porto Alegre, a autora desenvolveu dois cursos de extensão com financiamento da prefeitura municipal, ministrando curso para jovens na Ilha dos Marinheiros, bairro periférico e popular de Porto Alegre, e no bairro Cristal, onde famílias de afrodescendentes estavam sendo removidas para áreas mais afastadas em função da construção de um grande complexo de lojas e centro comercial. A tese recuperava, assim, um projeto desenvolvido pela pesquisadora, em parceria com estas famílias, fotografando em suas casas e as suas rotinas, que, mais tarde, foi transformado em um álbum de retratos, publicado e distribuído para a comunidade, contribuindo, desse modo, para um patrimônio de narrativas imagéticas da vida cotidiana de famílias negras em bairros da cidade.

A essa altura, é evidente que, em nossas experiências de pesquisas de longa data junto ao Navisual e ao Biev, assumimos o compromisso ético em nossas produções com base no uso das imagens, segundo seu regime poético, no esforço de ampliar a sua circulação seja no âmbito do espaço livresco, seja para fora dos muros, onde as doxas da cultura da escrita não predominam, pois elas habitam o regime ético das imagens. Neste sentido, toda etnografia com e através das imagens não se limita ao trabalho autoral do pesquisador, uma vez que participa do processo coletivo de construção de um patrimônio da humanidade.

Haveria, ainda, muitos outros exemplos que poderíamos usar para sustentar nosso argumento, no que se refere às pesquisas de nossos inúmeros orientandos/as que passaram pelo Navisual e Biev. Em todos os casos, sempre conclamamos aos autores a presença das imagens em suas produções, porém, NUNCA EM ANEXO!

## REFERÊNCIAS

- Achutti, L. E. R. (1997). Fotoetnografia: um estudo antropológico visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial.
- Achutti, L. E. R. (2004). Fotoetnografia da Biblioteca Jardim. Porto Alegre: Tomo Editorial/UFRGS.
- Alves, A.; Samain, E. Os argonautas do manguê precedido de Balinese Character (re)visitado. Campinas, SP: Ed. Unicamp. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.
- Amorim, S. (2003). Índios ressurgidos: a construção da auto-imagem: os Tumbalala, os Kalanko, os Karuazu, os Katokinn e os Koiupanka. 2003. 200f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Programa de Pós-Graduação em Multimeios, Universidade de Campinas, Unicamp, Campinas, SP.
- Amorim, S. (2010). Os Kalankó, Karuazu, Kolupanká e Katokinn: resistência e ressurgência indígena no alto sertão alagoano. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, RS.
- Araújo, A. C. Z. (2011). Vídeo nas Aldeias, 25 anos. Olinda: Vídeo nas Aldeias.
- Bachelard, G. (1963). La dialectique de la durée. Paris: PUF.
- Bachelard, G. (1968). O Novo Espírito Científico. Petrópolis: Tempo Brasileiro.
- Bachelard, G. (1996). A Formação do Espírito Científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Bachelard, G. (2010). A Intuição do Instante. São Paulo: Loyola.
- Barthes, R. (1980). La chambre claire; notes sur la photographie. Paris: Gallimard.
- Bateson, G.; Mead, M. (1942). Balinese Character: a photographic analysis. New York: New York Academy of Sciences.
- Benjamin, W. (1996). “Petite histoire de la photographie”, ed. et trad. de l’allemand A. Gunthert, *Études photographiques*, nº 1, p. 6-39.
- Bourdieu, P. (1992). O poder simbólico. RJ: Bertrand Brasil.
- Chartier, R. (2002) A aventura do livro: do Leitor ao Navegador. São Paulo, Ed. UNESP.
- Chartier, R. (2003). Formas e Sentido - Cultura Escrita: Entre Distinção e Apropriação. Campinas: Mercado de Letras / ALB.
- Chartier, R. (2009). A história ou a leitura do tempo. Belo Horizonte: Autêntica.
- Caiuby, N. S.; Martins, J.S.; Eckert, C. (Ed.). (2005). O imaginário e o poético nas Ciências Sociais. Bauru, SP: EDUSC.
- Cardoso de Oliveira, R. (1996). O trabalho do antropólogo. São Paulo: Unesp, Paralelo 15.
- Collier Jr. J. (1967). Visual Anthropology: Photography as a Research Method. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Devos, R. V. (2002). “Uma Ilha Assombrada na cidade: estudo etnográfico sobre cotidiano e memória coletiva a partir das narrativas de antigos moradores da Ilha Grande dos Marinheiros”. (Mestrado em Antropologia Social) - IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Devos, R. V. (2007). “A questão ambiental sob a ótica da antropologia dos grupos urbanos, nas ilhas do Parque estadual Delta do Jacuí, Bairro Arquipélago, Porto Alegre, RS”. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Durand, G. (1984). Les structures anthropologiques de l’imaginaire. Paris: Dunod.
- Durand, G. (1998). Campos do Imaginário. Lisboa: Instituto Piaget.
- Durkheim, É.; Mauss, M. (1903). De Quelques Formes Primitives de Classification, contribution à l’étude des représentations collectives. Année sociologique, 6.
- Eckert, C. (1985). Os homens da mina. Dissertação (Mestrado) PPGAS, IFCH,

UFRGS. Porto Alegre.

Eckert, C. (1992). "Il était une fois une ville minière". Thèses (Doctorat) Paris V. Sorbonne. France.

Eckert, C.; Godolphim, N. (1995). "Antropologia Visual. Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, a. 1, v. 2. Porto Alegre: Editora da UFRGS/UFRGS.

Eckert, C. et al. (1997). "Inventariando a grafia da luz nas dissertações de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFRGS." In: Horizontes Antropológicos ano 3 n.7, Histórias da Antropologia. Porto Alegre, UFRGS.

Eckert, C.; Monte-Mór, P. (1999). Imagem em foco, novas perspectivas em antropologia. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Eckert, C.; Rocha, A. L. C. da. (2004). "Ética e Imagem: um percurso". Revista Iluminuras - LAS/PPGAS/IFCH/UFRGS, v. 5, n 11. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras>.

Eckert, C.; Rocha, A. L. C. da. et al. (2012). Etnografia de rua. Estudos Urbanos. Porto Alegre: Ed. UFRGS.

Eckert, C.; Rocha, A. L. C. da. (2013). Etnografia da Duração: antropologia das memórias coletivas nas coleções etnográficas. Porto Alegre: Marca Visual.

Eckert, C.; Rocha, A. L. C. da. (2014a). "Experiências de ensino em Antropologia visual e da imagem e seus espaços de problemas". In: Ferraz, A. L. C.; Mendonça, J. M. de (Orgs.). Antropologia visual: perspectivas de ensino e pesquisa. Brasília- DF: ABA.

Eckert, C.; Rocha, A. L. C. da. (2014b). Antropologia da e na cidade, interpretações sobre as formas da vida urbana. 1. ed. Porto Alegre: Marca Visual, v. 1.

Eckert, C.; Rocha, A. L. C. da. (2016a). "Antropologia da Imagem no Brasil: Experiências fundacionais para a construção de uma comunidade interpretativa". In: Revista Iluminuras. v. 17, n. 41. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras>.

Eckert, C.; Rocha, A. L. C. da. (2016b). "Jean Arlaud: etnografia filmica con el otro y la ética de la reciprocidad." In: Vailatti, A.; Godio, M.; Rial, C. (Org.). Antropologia audiovisual na prática. 1. ed. Florianópolis: Cultura e Barbárie, p. 271-304.

Eckert, C., Equipe Navisual. (2017). "Porto Alegre das intervenções artísticas". Revista Fotocronografia. Porto Alegre: BIEV, v. 02 N. 03. <https://medium.com/fotocronografias/v-02-n-03-2017-cartas-aos-narradores-urbanos-etnografia-de-rua-na-porto-alegre-das-97185561d64e>

Eckert, C. et al. (2018). Carta aos narradores urbanos. Catálogo de Exposições. Porto Alegre: Ed. UFRGS.

Eckert, C.; Rocha, A. L. C. da. (2020). A arte de narrar as (nas) cidades: etnografia de (na) rua, alteridades em deslocamento. Revista Hawò. v. 1 (2020): Antropologia e seus campos. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/hawo/article/view/63521/34822>

Ertzscheid, O. (2004). Pratiques énonciatives hypertextuelles: vers de nouvelles organisations mémorielles. Paris: Archee-Cybermensuel.

Firth, Raymond. Essays on social organization and values. New York: Humanities Press.

Foucault, Michel. (1992). As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes.

France, C. (Org). (1979). Pour une anthropologie visuelle. Paris: Mouton.

France, C. (1989). Cinéma et Anthropologie. Paris: ESH.

Geertz, C. (1978). A interpretação das culturas. RJ: Zahar.

Halbwachs, M. (1967). La mémoire collective. Paris: PUF.

Leal, O. F. (1986). A leitura social da novela das oito. Petrópolis, RJ: Vozes.

Leite, Miriam Moreira. (1995). Retratos de Família. SP, USP.

Lévi-Strauss, C. (1958). Anthropologie structurale, Paris, Plon.

Lévi-Strauss, C. (1973). Anthropologie structurale deux II, Paris, Plon.

Levy, P. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Lisboa: Instituto Piaget.

Maffesoli, M. (1995). A contemplação do mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

Maffesoli, M. (1996). No fundo das aparências. Petrópolis: Vozes.

Maffesoli, M. (1998). Elogio da razão sensível. Petrópolis: Vozes.

Malinowski, B. (1978). Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural.

- Manovich, L. (2005). "Novas mídias como tecnologia e ideia: Dez definições". In: O chip e o caleidoscópio: Reflexões sobre as novas mídias. Lúcia Leão (org.). São Paulo: Senac. P.
- Manovich, L. (2015). "Banco de dados". In: Revista Eco-Pós, v. 18, n. 1, p. 7-26.
- Mardero, L. N. G. (2008). Religião e produção do Outro: mitologias, memórias e narrativas na construção identitária das correntes imigratórias russas no Uruguai. Tese (Doutorado, PPGAS, UFRGS, Porto Alegre).
- McDougall, D. (1998). Transcultural cinema. Princeton: Princeton University Press.
- MacDougall, David (2006). The Corporeal Image: Film, Ethnography, and the Senses. Princeton University Press.
- Mead, M. (1979). "Anthropologie visuelle dans une discipline verbale". In: France, C. (Org). Pour une anthropologie visuelle. Paris, Mouton.
- Mead, Margaret. (1975). "Visual Anthropology in a discipline of words". In: Hockings, P. (Ed.). Principles of Visual Anthropology. Mouton: TheHague, 1975. p. 3-10.
- Meneses, C.; Guran, M. (Ed.). (1987). Cadernos de textos, Antropologia Visual. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1.
- Monte-Mór, P., Parente, J. I. (Ed.). (1994). Cinema e antropologia: horizontes e caminhos da antropologia visual. Rio de Janeiro: Interior Produções.
- Piault, M-H. (2018). *Antropologia e Cinema*. São Paulo, Unifesp.
- Porto Alegre, S. M. (1992). Imagem e representação do índio no séc. XIX. In: Grupioni, L.(org.). Índios no Brasil. São Paulo: SMC.
- Rancière, J. (2005). A Partilha do Sensível: estética e política. São Paulo: EXO Ex. org.; ed. 34.
- Rechenberg, F. (2012). Imagens e trajetos revelados: estudo antropológico sobre fotografia, memória e a circulação das imagens junto a famílias negras em Porto Alegre. 2012. 380f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Rechenberg, F. "Vamo falá do nosso Lami: estudo antropológico sobre memória coletiva, cotidiano e meio ambiente no bairro Lami, Porto Alegre". 2007. 200f. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, CAPES, 2007.
- Rocha, A. L. C. da . (2006). "Espaços virtuais, redes eletrônicas e o campo dos saberes em Antropologia". In: Revista Iluminuras,, v. 7, n. 16.
- Rocha, A. L. C. da; Eckert, C. (2006a). "A natureza da representação etnográfica e a produção de conhecimento antropológica na web" In: Revista Iluminuras. Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre, RS. N. 16. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras>.
- Rocha, A. L. C. da; Eckert, C. (2006b). "O fazer antropológico na web coleções etnográficas e etnografia intertextual". Revista Iluminuras - Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais - LAS/PPGAS/IFCH/UFRGS, v. 7, n. 16. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras>.
- Rocha, A. L. C. da; Eckert, C. (2015). A Preeminência da Imagem e do Imaginário nos Jogos da Memória Coletiva. Brasília: ABA Publicações.
- Rocha, A. L. C. da; Eckert, C. (2016). "Antropologia em outras línguas: considerações sobre a escrita etnográfica hipertextual". In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 31, n. 90, p. 71-84.
- Rocha, A. L. C. da; Vedana, V.; Barroso, P. (2008). "A desterritorialização dos saberes e fazeres antropológicos e o desentendimento no corpo de verdade da letra". In: Revista Iluminuras , v. 9, n. 22.
- Rocha, A. L. C. da. (1994). "Le sanctuaire du désordre, ou l' arte de savoir-vivre des tendres barbares sous les Tristes Tropiques". Tese de Doutorado em Antropologia. Universidade René Descartes, Paris V, Sorbonne. Orientação: Michel Maffesoli. França.
- Rocha, A. L. C. da. (1986). "A dialética do estranhamento, a reconstrução da identidade social de mulheres separadas em Porto Alegre". Dissertação de Mestrado, Programa da Pós-Graduação em Antropologia Social/Universidade Federal do Rio

Grande do Sul. Orientação Gilberto Velho, Porto Alegre.

Rocha, A. L. C. da. (1995). "Antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a floração de símbolos". Porto Alegre, RS: Horizontes Antropológicos, Ano 1, nº2.

Rocha, A. L. C. da. (2000). "As Novas Tecnologias e o Campo dos Saberes em Antropologia". In: Revista *Illuminuras*, v. 1, n. 1, 2000.

Ruby, J. (1974). *The teaching of Visual Anthropology at Temple*. NY: Savicom newsletter 5.

Sahlins, M. (1979). *Cultura e Razão Prática*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Zahar.

Sahlins, M. (1994). *Ilhas de História*. RJ: Zahar.

Samain, E. (1995) "Ver" e "Dizer" na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia". In: Revista *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, a. 1, n. 2, p. 23-60, jul./ set.

Somma, J. A. S. (2016). *Neochamanismo em América Latina: uma cartografia desde el Uruguay*. Dissertação. PPGAS, UFRGS, Porto Alegre.

Sontag, S. (1981). *Ensaio sobre fotografia*. Rio de Janeiro, Arbor.

Tacca, F. C. (1990). "Sapateiro: o retrato da casa. A representação da casa do operário sapateiro francano, através de seu próprio olhar fotográfico". Dissertação de Mestrado. PPG Múltiplos, Instituto de Artes, Unicamp.

Tacca, F. de. (2001). *A Imagética da Comissão Rondon*. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

Vedana, V. (2004). "Fazer a feira: estudo etnográfico das artes de fazer de feirantes e fregueses da Feira-Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre." Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Vedana, V. (2008). "No mercado tem tudo que a boca come: estudo antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo." Tese (Doutorado em Antropologia Social) - IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Verger, P. (2002). *Orixás, Deuses Iorubas na África e no Novo Mundo*. Salvador: Editora Corrupio.

Videla, M. L. Z. (2013). "Uruguayos, ¿dónde fueron a parar? As "remotas" localidades do Departamento 20. Antropologia de itinerários, sociabilidades e memórias de uruguaios residentes em Florianópolis e Porto Alegre (Brasil) e na Catalunha (Espanha)". Dissertação, PPGAS, UFRGS, Porto Alegre.